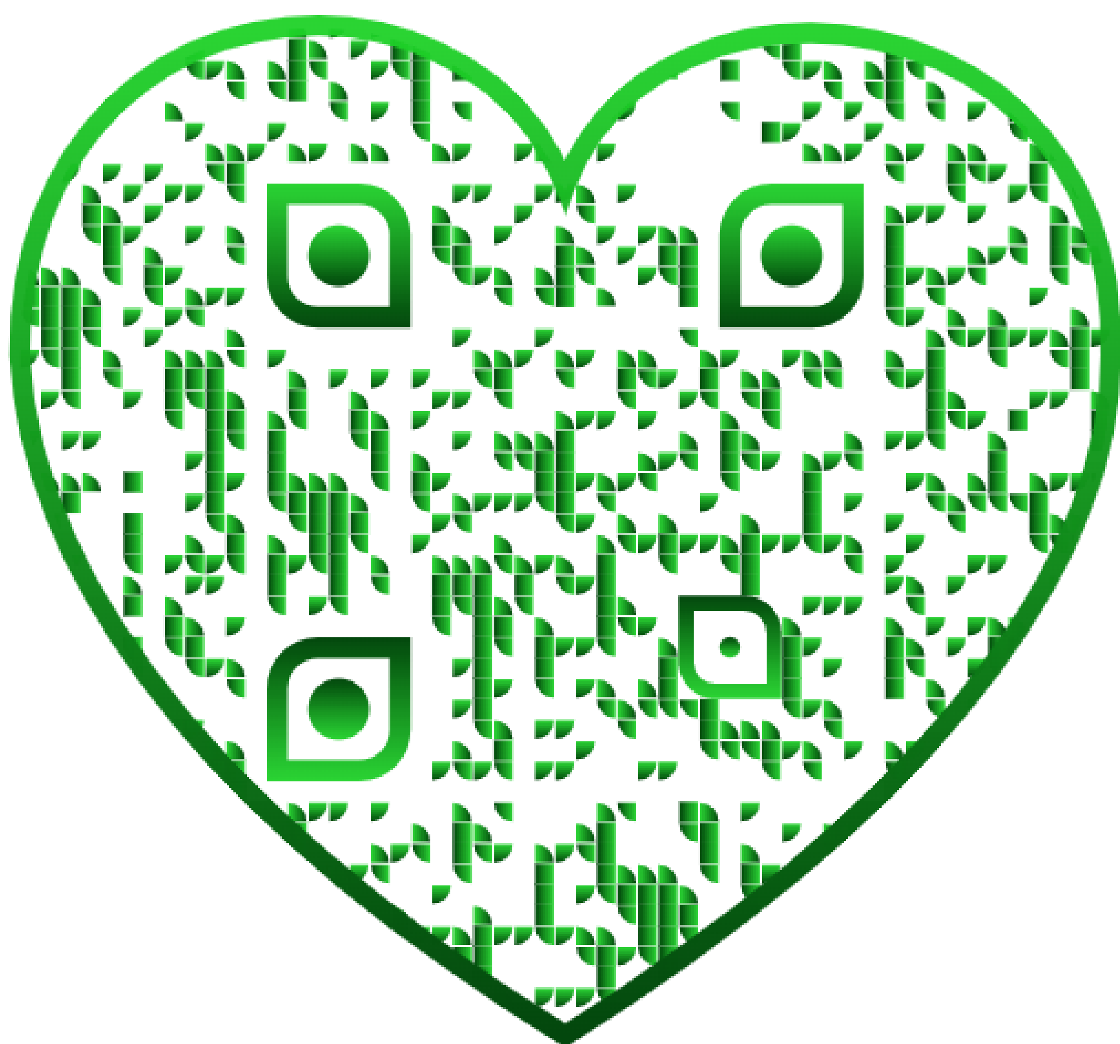
Um conto de

JHEFFERSON PASSOS

UM BRINDE ÀQUELE FILHO *da* PUTA



Jhefferson Passos

UM BRINDE ÀQUELE FILHO DA PUTA

2020.

Copyright © Jhefferson Passos, 2020

Todos os direitos reservados ao autor.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Capa: **Décio Gomes**
Revisão: **Mari Vieira**
Diagramação: **Do Autor**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PASSOS/Jhefferson

Um Brinde Áquele Filho da Puta/Jhefferson Passos. - 1ª Edição - Araraquara, SP: 2020.

1. Terror. 2. Literatura Brasileira I. Título

CDD:869.4.

CDU: 821.134.3-3

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

I
Elas

— As mulheres que são estupradas carregam as marcas da violência pelo resto das suas vidas. Algumas dessas vítimas até conseguem superar — Lívia fez aspas com os dedos quando disse “superar” —, mas a maioria, não. O corpo pode até ser curado. Mas e a mente? É como um tabuleiro de xadrez faltando peças para seguir com o jogo.

Ela parou de falar e ficou pensativa. Não estava se recordando do tempo em que era investigadora e ficava à frente de alguns casos mais importantes, antes de se tornar delegada, mas considerando as palavras que acabara de dizer. Ela olhou para a sua bolsa ali no chão, mais pesada do que a de qualquer uma de suas amigas presentes naquele apartamento por causa do seu revólver. Respirou fundo, deu um gole no vinho e disse:

— Tudo tem um limite. Não importa o que vão pensar, mas tudo tem um limite. E uma hora a corda que está sendo puxada vai se partir. Contudo, você não vai cair ou algo acontecer. É mais como uma sensação. Uma sensação bem forte de que chegou o momento de reparação. Não importa a quantidade de corpos que viu; você nunca se acostuma, tudo é sempre como na primeira vez.

Lívia dá mais um gole e abaixa a taça, encarando o vinho. Em seguida levanta os olhos para as amigas.

— O que dizer quando o maior perigo não está nas ruas ou no trabalho, mas em sua própria casa? Dividindo a cama com você?

Ela deu um sorriso torto. Deixou os olhos vagarem pelo rosto de cada uma das mulheres presentes ali: a fumaça do cigarro saindo por um dos cantos da boca de Cintia, cobrindo parcialmente seu nariz, como se brotasse dali; Regina com a perna direita cruzada sobre a esquerda, que balançava com sua taça cheia numa mão e os dedos da outra mexendo nos fartos cabelos ruivos; Juliana, branca como a neve, roendo o esmalte preto das unhas. O rosto cheio de sardas sempre demonstrando ansiedade pela história a ser contada na noite; e Isadora com seu olhar de quem perdeu toda a fé no universo masculino. De repente, seus olhos ficaram marejados. Ela os fechou

e apertou seus lábios. Por um momento, parecia que ela perderia o controle das suas emoções, mas quando relaxou os lábios e deu um suspiro, decidiu que isso não iria acontecer.

Helena, sentada ao seu lado, pegou em sua mão e apertou suavemente. Isadora deu um leve sorriso agradecido e deu mais um gole do vinho de uma das duas garrafas que Juliana trouxera.

Cintia amassou o cigarro no cinzeiro, se levantou e passou reabastecendo as taças. Pulou Regina, a única solteira delas, que tinha sua própria garrafa de conhaque, mas não sem dar a deixa:

— Espero que não vomite no sofá de novo.

As outras deram risadas.

Regina estreitou seus grandes olhos de anime japonês para a amiga.

— *Cretina!* Ano passado tinha vindo sem comer, viu?!

— Sei. — Cintia abriu um sorrisão, enquanto Regina torcia os lábios para ela.

Todas estavam sentadas com suas taças cheias, esperando no silêncio e encarando Lívia. O som do isqueiro rompeu o silêncio. Cintia deu uma longa tragada no seu cigarro.

Por fim, ainda olhando para o vinho na sua taça, Lívia voltou a falar.

— Sei de um caso que vale a pena contar. Eu já era investigadora nessa época, quando os crimes aconteceram em São Carlos. Esta, meninas, é a história sobre segredos e a tentativa de reparação.

II
Segredos

Dizem que um casamento de sucesso é uma questão de equilíbrio e até paciência. Mas o que muitos ignoram é que um casamento de sucesso também é carregado de segredos. Não é algo que você possa contar no confessionário da missa de domingo. São segredos que serão levados para o túmulo. O que vou contar aqui, investigadora, nunca disse no tribunal. Na verdade, para ninguém. É possível que não acredite em mim, mas vou contar mesmo assim. Se estiver disposta a ouvir.

Sei que está. Se não estivesse "encucada" com alguma coisa não teria, afinal, aceitado os meus vários pedidos para falar com você e vindo até aqui.

Eu o conheci em 1994, quando foi fazer um reparo na cerca elétrica da casa onde eu morava com minha irmã. Dois anos depois, estávamos morando juntos. No ano seguinte, casados. Não na igreja. O dinheiro das instalações de câmeras, alarmes e cercas elétricas não era suficiente para tanto. Houve uma festa, sim. Churrasco numa área de lazer alugada. Cada um levando o que bebia e o que comia.

Existe quem conheça outra pessoa de verdade?

Acredito que não. A gente sempre acha que conhece as intenções de quem divide uma parte da cama. Os piores, os mais sádicos e cruéis monstros se vestem de bom pai e boa mãe. São pessoas que te dão bom dia, que têm um sorriso sincero e contagiante. Vão à missa de domingo. Ajudam a comunidade. São tão exemplares que você fica mesmo com inveja e pensa "Porra, por que não me casei com alguém assim?". Eu casei com um homem assim. Trabalhador. Dedicado. Não era de missa ou de ajudar a comunidade, mas era ótimo na cozinha e em todos os afazeres domésticos, principalmente na cama. Às vezes eu brincava com ele, depois de ter me "comido" tão gostoso, dizia que tinha casado com o pau dele. Havia dias que mal ele entrava em casa e eu já o atacava. Vai, me come com força! Ele já me deu alguns tapas enquanto fodíamos. Nunca gostei dessa coisa de "fazer amor". Eu não sei fazer isso. Aquela coisa fofa, meiga. Mas às vezes aqueles tapas tinham algo fora do sexo. Não era dominação, mas violência e maldade.

Como eu sabia disso, investigadora Lívia ? Você é casada? Então sabe do que estou falando.

Íamos bem. Tínhamos um bom casamento. Alexandre adorava quando eu vestia uma lingerie nova. A maioria dos homens não sabe ou ignoram o quanto uma mulher quer ser elogiada numa lingerie.

A mulher não coloca uma peça íntima com a intenção de apenas ser despida. Ela faz isso para ser admirada. É um joguinho, sabe? Se ela quisesse apenas chegar e ser comida, já ia para cama pelada.

O quê? Ah, sim, espero.

Voltou a gravar? Certo. Mas antes de continuar gostaria de saber se vai atender ao meu pedido que fiz na carta?

Obrigada. Eu não recebo visitas. Aquele “kit” básico mensal que dão para nós não dura o mês todo. Sei que me entende, investigadora, quando digo que aqui dentro esquecem que somos mulheres e que diferente dos homens, nós menstruamos. Folha de jornal, pedaço de pano velho ou usar miolo de pão não tem a mesma eficiência que um absorvente interno.

Onde eu estava? Isso, isso. Obrigada.

Alexandre foi o homem com quem eu sempre sonhara. Ele não era bonito, mas também não era feio. É aquele tipo de homem que transita entre esses dois. Era charmoso. Gostoso feito aquele padre das redes sociais, sabe? Alguma coisa de Melo. Fabiano de Melo. Isso! Padre Fábio de Melo. O sorriso de Alexandre era muito bonito. Qualidades que compensam, sabe?

Tudo isso era apenas uma capa de chuva para não ficar ensopado.

Tem um cigarro?

Obrigada.

Muitos homens casados procuram fora o que não encontram dentro de casa. Não importa se você é a miss bumbum, ou linda feita a Bruna Marquezine. Bom, não a acho tudo isso não, mas serve ao que estou querendo dizer. O homem sempre acaba indo pescar em outros rios.

Alexandre não ia pescar em outros rios. Ele caçava.

E segredos, investigadora, é a segunda aliança que todo homem e mulher usam quando começam a dividir o mesmo quarto.

Todo casamento tem segredos.

Eu tinha.

E meu marido também.

O meu segredo foi saber o que ele escondeu durante vinte anos. Estou aqui presa por isso.

Embora eu não fosse alta o bastante para alcançar a última prateleira do armário sem ajuda, eu às vezes usava uma pequena escada de quatro degraus. E foi lá que a encontrei: uma dessas caixas de sapato.

Alexandre tinha um cômodo da casa onde guardava suas ferramentas, equipamentos como câmeras, fios, hastes de cercas elétricas e concertinas. Tinha uma bancada onde consertava placas danificadas de motor de portão; alarmes e centrais de choque. Tudo que havia ali eu tinha acesso, pois já o ajudei muito, desde atender e agendar clientes a orçamentos. Até ajudei a instalar alarmes, câmeras, cercas elétricas e concertinas. Foi numa época que as coisas apertaram financeiramente e não

dava para contratar ajudantes. Mas quando as coisas melhoraram, ele acabou contratando o próprio irmão, Pedro que também não passava por uma boa fase financeira e, com o tempo acabou se tornando um sócio. Talvez por isso que aquela caixa estava ali oculta atrás de travesseiros e edredons. Pedro frequentava muito nossa casa.

É até assustador como um casamento é uma roda que gira de maneira imparcial entre o amor e o ódio. Naquele instante, quis correr até a cozinha, pegar a maior faca e esperar meu marido chegar. Não chorei quando descobri o que tinha dentro daquela caixa, porque estava chocada demais de como conseguiu manter escondido de mim, do irmão e de todos. E vocês da polícia jamais teriam descoberto se eu não tivesse feito o que fiz. Nunca conseguiram nem uma pista sequer dele. Mas hoje vão saber com quem estive casada por tantos anos.

Quanto mais fundo na caixa eu ia, mais horrorizada ficava. E num acesso de pura raiva, virei a caixa e deixei todo o conteúdo cair no chão. Dali de cima podia ver tudo. Todas. Sua sanidade. O monstro por trás do marido exemplar. Eu desejei ter encontrado qualquer coisa como revistas eróticas, Playboy e até de sadomasoquismo, que justificaria aquele "tapão" diferente na minha bunda, o que colocaria no assunto um ponto final. Ah, como gostaria de ter encontrado essa curiosidade masculina, e não o que vi dentro daquela caixa maldita. O que estou dizendo? Se não tivesse encontrado, ele teria continuado e ninguém o pegaria. Ninguém.

Apesar de todo o meu choque, deixei a roda continuar girando. Um casamento precisa de muita paciência também. E toda mulher que se torna esposa acaba descobrindo isso.

Então comecei a trabalhar essa virtude. O que levou um ano. Doze meses dividindo aquela casa, e a vida com aquele monstro. É claro que aquela caixa voltou para seu devido lugar. E todos os dias eu checava o seu interior, quando meu marido saía para trabalhar. Quais foram os dias que ele deixou de trabalhar; mentiu na verdade, para caçar? Como ele conseguiu esconder do irmão? Como escolhia suas vítimas? Pedro seria um cúmplice? Eu checava todos os dias os jornais e noticiários na TV. Alexandre era cuidadoso e muito organizado. Nunca deixou transparecer absolutamente nada. Saber o quanto aquele homem era uma farsa me deixava ainda mais enojada.

Se ele me enganou por tanto tempo, por que eu não poderia fazer o

mesmo?

Suportei aquele homem dia após dia, noite após noite. Quando me tocava, me sentia suja e nauseabunda, malcheirosa. Seus beijos eram como sentir a pele de um sapo nos lábios. Sua língua, um verme se arrastando para dentro da boca. Sua voz me deixava irritada. Seu perfume embrulhava meu estômago. O pior era ter esse sujeito em cima, socando seu pau nojento dentro de mim. Tudo isso suportei com a imagem na cabeça de cada item dentro daquela caixa.

Então, meses depois, ele voltou a atacar. O corpo nu de Darlene, de oito anos, foi encontrado num riacho nas proximidades de São Carlos. O braço direito estava quebrado, assim como o pescoço. Marcas de dezenas de mordidas pelo corpo. Não havia violência sexual. Em nenhuma delas houve. Ele era cuidadoso. Mas havia muita brutalidade. O que fazia as crianças confiarem nele? Seu sorriso contagiante? Alexandre sempre foi carismático. Por que ele matava crianças? Nunca ouvi nada dele e nem de sua família sobre qualquer trauma.

Uma semana depois, quando ele tinha que instalar câmeras numa drogaria que tinha sido assaltada na cidade vizinha, verifiquei a caixa. Nenhum item novo para a coleção apareceu. A princípio fiquei com dúvidas se aquela criança fora vítima dele, mas a polícia tinha noventa por cento de certeza que era "O Anjo da Morte". Era como vocês o apelidaram. Ridículo. "Bicho-papão" cairia bem melhor. Chorei aquele dia. Me sentia culpada, responsável por cada crime cometido e por nunca ter percebido nada, absolutamente nada, durante todos aqueles anos.

Você sabe tudo sobre seu marido, investigadora? É claro que não. Assim como seu marido também não sabe tudo sobre você. Ter conta conjunta, usar a mesma rede social ou dividir a mesma privada não diz nada um do outro. Não existe isso de saber tudo sobre alguém.

O que você faria se descobrisse que as mãos que a tocavam eram as mesmas que tinham torturado e estrangulado crianças? Eu soube quando chegou a Exposec. A Feira de Segurança de São Paulo. Alexandre ia todo ano nessa feira e sempre passava três dias na cidade.

Durante todo aquele ano, desde a descoberta da caixa, não fiquei apenas suportando aquele pau asqueroso entrando e saindo; sendo a esposa recatada e do lar, mas planejando o quê e como faria e esperando que a oportunidade surgisse. E o momento tinha chegado.

Durante aquele ano de paciência, procurei um serralheiro. Encomendei duas caixas grandes de metal. Uma delas apenas com uma abertura, a outra com uma abertura e uma tampa que eu pudesse lacrar. E lá, dentro da nossa própria casa, estava a minha armadilha montada, uma caixa na sala e a outra no nosso quarto. O rato logo iria chegar e eu precisava ser rápida com a isca. Só havia uma única chance. E teria que ser na garagem. Claro que eu poderia ter feito de uma forma simples e rápida. Não é difícil envenenar uma pessoa onde tudo pode ser encontrado e aprendido na internet. Poderia ter cortado o pênis dele como fez Bertha Boronda com seu marido com uma navalha. Tenho uma tesoura de poda que usava para podar as roseiras do jardim na frente de casa. Mas isso seria fácil, muito fácil para um monstro como ele.

Quando ele chegou de viagem, cansado, e carregando sacolas, eu agi. Segurando a pesada chave grifo com as duas mãos, o acertei com toda a minha força e ódio na nuca. Ele caiu no chão com todas aquelas sacolas. Ficou ali de quatro. Os braços tremendo, lutando para não deixar o tronco cair e bater o rosto no chão. Minhas mãos tremiam, meu corpo todo tremia. O terror daquilo que tinha acabado de fazer ameaçava fraquejar minha coragem e desistir.

Eu quase abneguei, mas então a imagem daqueles itens dentro da caixa de papelão e as lembranças de todas aquelas crianças mutiladas vieram à tona, de maneira abominavelmente clara. Ele virou a cabeça lentamente, a boca aberta escorrendo sangue, estava desnorteado pela pancada. Quando vi nos seus olhos chocados que percebera no último segundo o que iria acontecer, aquele não era o Alexandre o marido com quem me casei e amei. Foi algo desfigurado de fúria e incredulidade. E se algum dia houvera um marido carinhoso, dedicado e trabalhador, se fora há muito tempo. Engolido por essa coisa diante de mim. Ergui a chave e golpeei de novo sua cabeça. O som seco da cabeça dele atingido o chão da garagem me fez gritar.

Não foi fácil arrastar o corpo dele e colocar dentro da caixa que estava na sala. Lacrei a única entrada com uma tampa de aço e com parafusos auto brocantes. Quando ele acordou, horas mais tarde, tentou gritar, mas a mordaça com bola sadomasoquista, que colei na sua pele com supercola, o impediu. Seus olhos, fingindo que não estava entendendo porra nenhuma, encontraram os meus. Ele precisava ser forçado a sair daquela

caixa. Então, acionei com o controle o choque que instalei na estrutura metálica da caixa. Uma central de choque para gado. Trinta mil volts pulsantes. Ele imediatamente tentou sair pela única abertura que tinha, mas logo parou ao perceber o que estava diante dele, o caminho que precisava percorrer. Ele mijou ali. Eu o tinha deixado nu. Ele voltou a me encarar. O forcei a sair deixando o eletrificador ligado. A força da descarga o fez entrar no túnel de concertina. E seus resmungos atrás daquela bola sadô eram de pura dor quando sua pele e carne começaram a ser perfuradas pelas lâminas espirais de aço cortante. Existem vários tipos de concertinas, mas eu usei a concertina dupla clipada, que possui três clips de aço por volta.

Enquanto ele seguia de quatro por esse corredor cortante, em certo momento uma daquelas lâminas perfurou seus testículos, e outra enroscou na pele do seu pênis. Alexandre, gemendo de dor, parou e, com as mãos rasgadas e ensanguentadas, tentou desenroscar. Ele gritou novamente, mas eram apenas urros abafados. Quando finalmente alcançou a outra caixa, ele estava se esvaindo em sangue. Seu corpo todo cortado, perfurado, como se tivesse sido todo mordido por uma fera faminta. Será que se lembrou de quando mordia as crianças?

Quando vi que estava dentro da caixa, fui até lá, soltei a trava e a tampa fechou a entrada. Então falei que aquilo era por cada criança que torturou e matou, e acendi o fogo. Mandei construir essa caixa como se fosse um forno industrial. Enquanto ele se debatia lá dentro, cozinhando, eu me encolhi em um dos cantos do quarto e chorei. Chorei como nunca havia chorado na vida. Pelo marido que eu acreditava que tinha. Tínhamos construído uma vida juntos, e agora aquela vida tinha acabado. Chorei por cada criança morta tão cruelmente.

O que tinha dentro daquela caixa?

Tudo que havia dentro queimou com ele.

Algumas estavam muito velhas, rasgadas, mas não pelo tempo. Rasgadas por dentes de um predador. Calcinhas arrancadas à força e com muita violência. Calcinhas sujas de sangue de crianças. Havia um nome e ano em cada uma delas. Silvia 1992, Rita 1993, Anna 1994, Thais 1994, Flavia 1995, Helena 1996, Cintia e Olivia 1997, Amanda 1998, Aline e Cláudia 1999… Dezenas de nomes escritos em cada calcinha com desenhos de florzinha, joaninha, moranguinhos, bichinhos, personagens da Disney. Crianças que ele matou a cada ano. Às vezes, mais do que duas por ano.

Renata, Juliana, Graziela e Eduarda só em 2013.

Mas o que me assombrou todos esses anos em que estou aqui presa e que me fez estar aqui finalmente para contar o que realmente aconteceu, foi algo que encontrei naquela caixa vazia, além das calcinhas das crianças mortas, depois que estava tudo terminado. Algo escrito na parte interna na tampa e que me enlouqueceu enquanto o cheiro de carne queimada do meu marido enchia o nosso quarto: Pedro…

III
Elas

A taça de Lívia estava vazia.

Por alguns instantes, houve um silêncio tão absoluto que elas puderam ouvir o ponteiro do relógio de pulso de Regina pular de um segundo para o outro.

Juliana abriu e fechou a boca três vezes enquanto tentava desvirar a alça esquerda do sutiã em vão, bebeu o último gole do vinho, antes de perguntar:

— Espera! — Ela falava também com as mãos. — E o irmão? O que realmente cometeu os crimes?

— Ele não foi detido por falta de evidências — respondeu Lívia.

— E a tampa da caixa com o nome dele? — Cintia perguntou.

— Um pedaço de papelão com um nome escrito não prova que a pessoa cometeu os assassinatos.

— Por que ela não contou na época da sua prisão? — Juliana, gesticulando, parecia uma intérprete de Libras. — Por que esperar tanto tempo?

— No ato de sua prisão, precisamos colocar uma camisa de força nela. Ela se debatia e gritava tanto que as algemas não poderiam ser usadas. E mesmo assim, com a camisa de força, que foi uma luta colocar nela, precisou de quatro homens para levá-la. Ela passou três anos sob medicamentos fortes, internada em uma clínica psiquiátrica sob vigilância policial vinte e quatro horas. Ela passava a maior parte do tempo presa à cama, já que na vez que

deixaram suas mãos livres, rasgou o próprio rosto enquanto gritava.

— *Puta merda!* — Regina virou a taça de conhaque.

— Meses depois, ela foi transferida para a penitenciária feminina, onde começou a fazer pedidos para falar comigo. Nenhum assassinato ocorreu desde que ela foi presa.

— *Porra*, Lívia! — Helena quase cuspiu o vinho de volta na taça. — Não me diga que você acredita que ela foi a autora dos assassinatos e não o marido? Que criou toda essa história de esposa recatada e do lar que não sabia de nada e descobre a verdade?

— Mas ela matou alguém. E perante a lei… — Lívia apertou o lábio, ergueu os ombros e abriu a mão esquerda.

O silêncio caiu entre elas num sentido de compreensão mútua.

— A história. Ou melhor, a confissão dela. Uma tentativa de reduzir a pena com uma narrativa fantasiosa que faria qualquer um acreditar. — Isadora fez uma careta.

Lívia girou a taça vazia e fez não com a cabeça.

— Mesmo sem nenhum tipo de evidência, ficamos de olho em Pedro depois do que ela nos contou. Foram quatro anos e oito meses para o capturarmos. Nesse meio tempo, ele foi chamado e interrogado, mas só ajudou a reforçar o quanto a confissão da cunhada era equivocada e que estava louca e desesperada. Então, cinco meses depois, o cadáver de Verônica foi encontrado num rio com os mesmos requintes de selvageria dos assassinatos anteriores. A menina de nove anos estava com as mãos amarradas com fio de aço e com um saco plástico sobre a cabeça, bem fechado com Silver Tape na altura do pescoço. Pedro chegou a ser interrogado de novo, mas não levantou nenhuma suspeita. Ele tinha álibi.

— *Filho da puta!* — Cintia amassou o cigarro com força e raiva no cinzeiro. — Alteração de comportamento. O fio de aço e saco plástico foi uma maneira de confundir e atrasar as investigações.

Lívia anuiu.

— Depois foram mais dois meses de hiato. Até que ele cometeu um erro que já havia cometido em Verônica. E que, infelizmente, só percebemos quando encontramos o corpo de Viviane Albuquerque, de dez anos, em uma vala na beira de uma estrada nos arredores de Araraquara. Estrangulamento com fio de aço de cercas elétricas.

Todas ficaram em silêncio por um longo período. Até que Helena

quebrou o silêncio.

— Talvez o fato de ter ficado por tanto tempo sem matar o tornou descuidado por causa da sua ansiedade de cometer justamente mais um assassinato.

— Sim. Organizamos sua captura. No final do dia de uma sexta-feira, a equipe bloqueou a Fiorino que ele e seu falecido irmão usavam para atender seus clientes, uma quadra antes de sua casa. Preso, Pedro passou por um interrogatório de mais de trinta horas. Três meses depois, ele começou suas horripilantes confissões em tribunal. Em uma série de frias declarações, revelou detalhes macabros de cada assassinato que cometeu por anos. Foi encontrada em sua casa uma nova caixa contendo duas calcinhas infantis.

Lívia levou a taça à boca, mas lembrou de que estava vazia. Seus olhos foram das garrafas também vazias em cima da mesinha para a garrafa de conhaque de Regina, já pela metade. Não. Não era de beber conhaque.

— Dois anos depois, na Penitenciária de Araraquara, Pedro se desentendeu com seu colega de cela e acabou sendo perfurado vinte e sete vezes. Uma hora depois, foi declarado morto.

Todas ficaram mergulhadas em seus pensamentos.

— Feliz Natal, meninas — disse Lívia, tão de repente que suas amigas apenas ficaram encarando-a como se acabasse de dizer a coisa mais obscena do mundo. Ela ergueu a taça vazia de vinho.

— Feliz Natal. — Regina ergueu a taça vazia de conhaque.

Isadora, seguida de Cintia, Juliana e Helena, a acompanharam.

— Um brinde àquele filho da puta! — todas disseram.

Elas se levantaram, e se abraçavam quando Helena interrompeu o momento:

— Quem conta uma história, também tem que dizer uma música. Mas pelo amor de Deus, nada de *jingle* de Natal como fez Isadora no ano passado!

Isadora botou a mão no peito, como se ofendida.

— Aqui pra você! — Isadora mostrou o dedo do meio.

Todas riram.

Lívia parou de rir e pareceu refletir por um instante, mas a verdade era que ela já sabia qual música. Só queria fazer suspense. Ela olhou para as amigas que todo ano, naquele mesmo apartamento, sempre na véspera do Natal, se reuniam para brindar ao filho da puta em questão e então, disse:

— Cyndi Lauper. *Girls Just Want to Have Fun*.